

Um guerreiro de atos generosos no amor à arte

VLADIMIR CARVALHO
Especial para o JBR

Com a morte de Augusto Ribeiro Jr. são somadas três significativas baixas no movimento cinematográfico de Brasília no transcurso de apenas seis meses. Os outros dois foram Marco Antônio Guimarães e Paulo Tourinho. O Júnior, como o chamávamos, eu o conheci quase imberbe quando vim para a Universidade de Brasília, em 1970. Ele vinha, apesar da pouca idade, das tertúlias cinematográficas de Paulo Emílio e do proselitismo político de Honestino Guimarães. Naquele período, que não alcançei, já se fizera notar por sua inquietude e agitação no que pese a natural inexperiência. Há uma foto exposta na Fundação Cinememória que não deixa dúvidas: ao lado de um Paulo Emílio que segura o queixo meditativo, numa postura de pensador que era, o Júnior é todo tensão, o olhar lançado à frente como se perscrutasse o futuro, quem sabe.

Do curso de cinema, entre outras gratas recordações, guardo a sua atuação no grupo de alunos que foi "deportado" pelo então vice-reitor José Carlos Azevedo para a Universida-

de Federal Fluminense, e fiquei como guardião de seus dois primeiros filmes, "Decisão" e "OBM", dois curtas: o primeiro uma ficção de cunho social e o outro um documentário que fez siderado pelo trabalho pioneiro de Emílio Terraza, com sua oficina experimental de música. Com a conclusão do curso na UFF não aceitou seguir, como os outros, a carreira acadêmica, mesmo que fosse por curto espaço de tempo. Foi à luta, procurou "briga" no disputado mercado de trabalho do Rio de Janeiro, e após experiências como assistente de Nelson Pereira dos Santos e Gustavo Dahl, lançou-se por inteiro no seu projeto pessoal há muito acalantado: escreveu e armou a produção de seu primeiro longa-metragem, "O Bol de Prata". Realizou-o a duras penas no Rio Grande do Norte que conhecia como a palma da mão, numa região cuja beleza descobrira e o deslumbrara. Walter Carvalho, então estreando como fotógrafo de longa-metragem testemunhou e até hoje se comove com o arrojo e sensibilidade com que Júnior se atirava na solução das sequências de seu filme, fugindo ao roteiro, inventando na hora, suprindo com imaginação as deficiências de uma produção mambembe. Segundo Walter era um estímulo e um desafio permanentes aos demais companheiros de equipe, orquestrando liberdade de criação e liderança sem jamais constranger pelo autoritarismo tão comum nessas situações. Concluído já quando se instalara a crise de exibição dos filmes brasilei-



Augusto: ingrato cinema

ros em geral. "O Boi de Prata", obteve referências críticas as melhores, mas não mereceu o lançamento condigno que se esperava.

Nos anos que se seguiram movimentou-se quase sem parar entre o Rio, São Paulo e Brasília. Nesse transe sempre me passou a sensação de caminhar ao mesmo tempo em várias direções, com inúmeros projetos dentro e fora da gaveta. Com seu tanto de

disperso agitava-se numa pressa incontrolável como se pressentisse que lhe fora reservado pouco tempo para tanta inquietação. Deteve-se por último em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, que acreditou no seu jeito de impenitente criador. E voltou a juntar-se ao grupo de Brasília, reunido agora em torno de sua associação classe, da qual foi um dos mais ativos presidentes. Distinguido com a aprovação nos concursos do MinC ganhou força nova e disparou toda sua energia para realizar o capital de que necessitava para estar à altura do projeto de *O Quinze*. Durante meses ouvi os seus telefonemas matinais em que misturava os seus avanços no plano financeiro com o sonho generoso de concentrar 800 figurantes para as cenas dos retirantes da seca. Consumou o mais difícil talvez: isto é, conseguiu os recursos para a produção e capitulou em plena realização, rodando apenas cerca de 20% do seu roteiro. A morte veio surpreendê-lo justamente quando paralisara as filmagens e tentava se recompor em Brasília, em busca de novos recursos para a conclusão de seu filme. Generoso em tudo, na amizade e no trabalho, se tivesse de defini-lo seria como um convicto perdulário que gastou de uma só vez o seu impulso vital e sua energia criadora, na voragem de uma atividade que lhe foi inteiramente ingrata. O já minúsculo cinema brasileiro fica literalmente menor sem a sua ardorosa presença.

■ VLADIMIR CARVALHO é cineasta